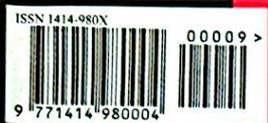


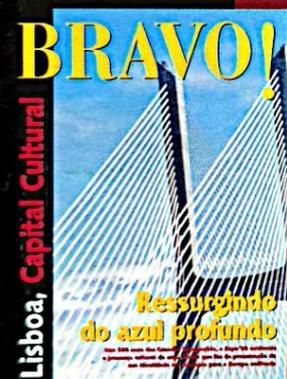
BRAVO!

PORTUGAL ESC. 850300

JUNHO 98 - ANO 1 - Nº 9 - R\$ 6,00 www.revbravo.com.br no Universo Online



EXCLUSIVO
ROBERT REDFORD
FALA DE SEDUÇÃO,
CINEMA E VIDA
INDEPENDENTE

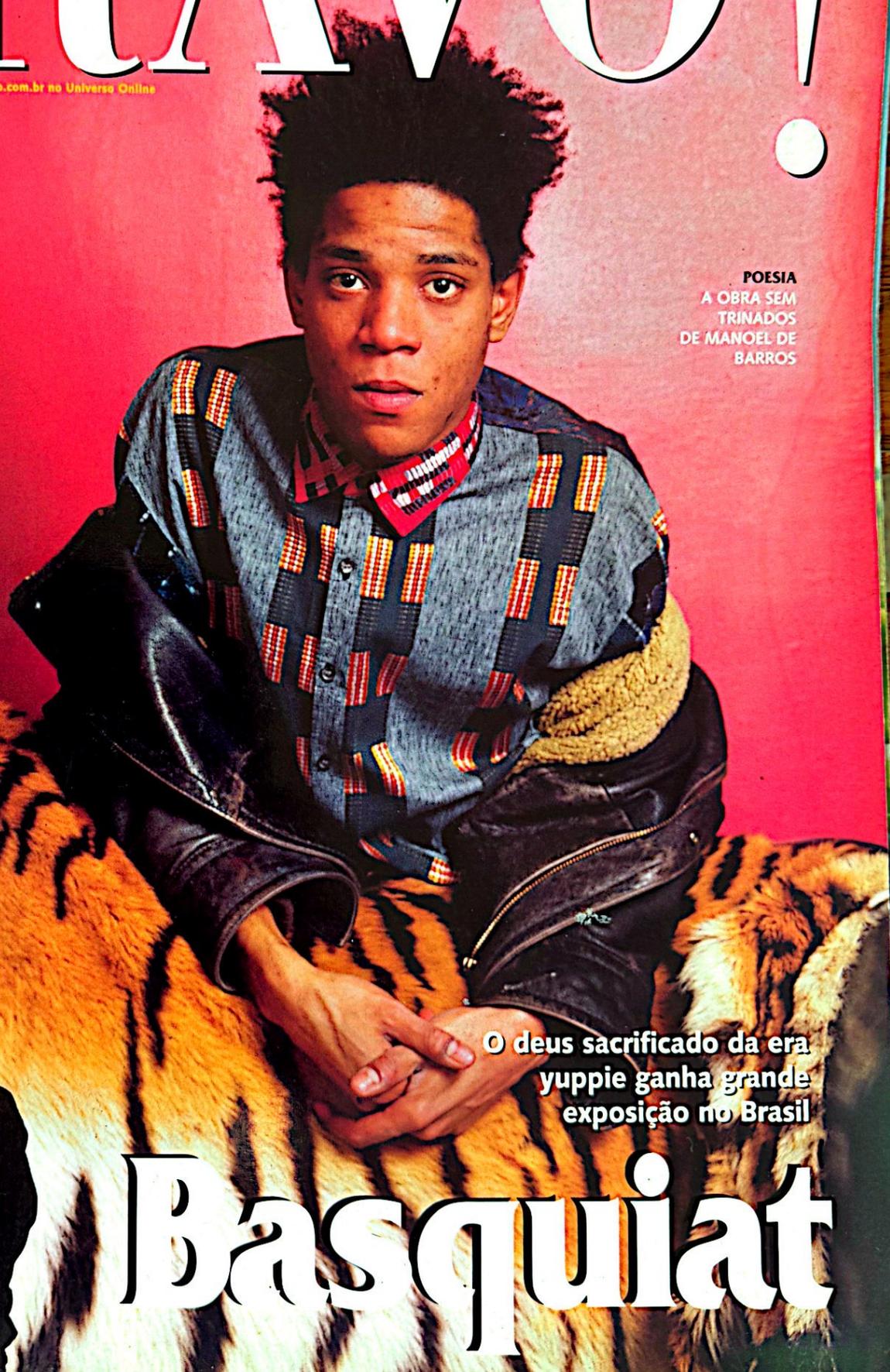


CAPITAIS CULTURAIS
UM CADERNO
DESTACÁVEL
DESVENDA
A LISBOA
MODERNA



TEATRO
ANTUNES
DECRETA
O FIM DA
DIREÇÃO

POESIA
A OBRA SEM
TRINADOS
DE MANOEL DE
BARROS



O deus sacrificado da era
yuppie ganha grande
exposição no Brasil

Basquiat

BRAVO!

EDITOR

Luiz Felipe d'Avila

DIRETOR DE REDAÇÃO

Wagner Carelli

REDAÇÃO

Chefes: Reinaldo Azevedo, Vera de Sá. **Secretário:** Sérgio Ribas. **Editores:** Josiane Lopes (*especial*), André Luiz Barros (*Rio de Janeiro*), Michel Laub, Regina Porto. **Repórteres:** Daniela Rocha, Flávia Rocha, Rodrigo Brasil (*São Paulo*); Gilberto de Abreu, Luciana Hidalgo (*Rio*). **Editores-contribuintes:** Ana Maria Bahiana (*Los Angeles*), Ana Francisca Ponzio, Carlos Eduardo Lins da Silva (*Washington*), Daniel Piza, Hugo Estenssoro (*Londres*), Jefferson Del Rios, José Onofre, Katia Canton. **Revisão:** Helton Ponciano da Silva e Eliane de Abreu Maturano Santoro. **Produção:** Dina Amendola, Alessandra Bento de Moraes (*secretária*)

ARTE

Diretora: Noris Lima. **Produção Gráfica:** Wildi Celia Melhem (*cheffe*), Teca Farah. **Editores:** Monique Schenkels. **Chefe:** Sérgio Rocha Rodrigues. **Assistentes:** Maximiliano Ferrari Rosa, Therezinha Prado e Walter Garrote (*colaborador*)

FOTOGRAFIA

Editor: Eduardo Simões. **Repórter:** Kiko Coelho. **Produção:** Anna Christina Franco, Regina Rossi Alvarez, Valéria Mendonça (*internacional*)

ENSAIO

Fernando de Barros e Silva, Jorge Caldeira, Olavo de Carvalho, Sérgio Augusto, Sérgio Augusto de Andrade

CRÍTICA

Aginaldo Farias, Arthur Omar, Aurora Fornoni Bernardini, Barbara Heliodora, Ivana Bentes, Lígia Canongia, Luiz Camillo Osorio, Márcio Marciano, Marlyse Meyer, Miguel Sanches Neto, Ned Sublette (*Nova York*), Sérgio de Carvalho, Tadeu Chiarelli, Teixeira Coelho, Wilson Martins

COLABORADORES

Adriana Méola, Adriana Braga, Aimar Labaki, Alcir N. Silva (*Nova York*), Alice Campoy, Américo Mariano (*Paris*), André Barcinski (*Nova York*), Antonio Saggese, Benedito Nunes, Bob Wolfenson, Bruno Tolentino, Bruno Veiga, Caio Martinelli, Cárcamo, Carlos Conde, Carlos Heli de Almeida, Carlos Heitor Cony, Christian Parente, Cristiano Mascaro, Diógenes Moura, Donaire, Ed Viggiani, Enio Squeff, Everton Ballardín, Fernando Lemos, Fernando Peixoto, Ferreira Gullar, J. Jota de Moraes, José Castello, João de Carvalho (*Paris*), Lélis, Libero Malavoglia, Luca Rischbieter, Lúcia Guimarães (*Nova York*), Luis S. Krausz, Manuel Vilas Boas, Maria da Paz Treffaut, Marcelo Buainain, (*Lisboa*), Marcelo Laurino, Mari Botter, Maria Lucia Pereira, Maria Lúcia Rangel, Mariana Barbosa (*Londres*), Nicolau Sevcenko, Paulo Carneiro, Paulo Fridman, Paulo Garfunkel, Paulo Mounsey, Penna Prearo, Pepe Escobar (*Paris*), Ricardo Sardenberg (*Nova York*), Ruy Castro, Rico Lins, Rogério Reis, Rogério Sganzerla, Sebastião Uchoa Leite, Sergio Sadur, Stella Caymmi, Tânia Nogueira, Tárík de Souza, Willian Mariotto

DIRETOR DE PROJETOS: Wagner Carelli

PROJETO GRÁFICO: Noris Lima

PUBLICIDADE

DIRETOR: José Mario Brito

EXECUTIVOS DE NEGÓCIOS: Luiz Carlos Rossi, Patricia Queiroz, Rosalice Nicolini, Sonia Maciel

COORDENAÇÃO DE PUBLICIDADE: Suely Gabrielli

REPRESENTANTES

Rio de Janeiro: Triunvirato Comunicação Ltda. (Milla de Souza) – r. México, 31 – GR. 1403 – Centro – CEP: 20031-144 – Tel./Fax: (021) 533-3121

Paraná/Santa Catarina: News Repr. Com. Ltda. (Carlos Niehues) – rua Eça de Queiroz, 1083, cj. 507 – Ahú – Curitiba – PR – CEP 80540-140 – Tel./Fax: (041) 253-2937

CIRCULAÇÃO

DIRETOR: Sérgio Luiz Colletti

ADMINISTRAÇÃO: Luiz Fernandes Silva

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE: Ana Paula Martins Silva. Tel. (DDG): 0800-14-8090 – Fax: (011) 820-9833, ramal 211

Venda de assinaturas – Tele Eventos – Marketing direto: Tel. DDG 0800.111.880

DEPTO. FINANCEIRO

Eliana Barbieri Espósito

D'AVILA COMUNICAÇÕES LTDA.

DIRETOR-PRESIDENTE: Luiz Felipe d'Avila

SECRETÁRIA: Gracimar Cordeiro dos Santos

APOIO CULTURAL:



BRAVO! (ISSN 1414-980X) é uma publicação mensal da D'Avila Comunicações Ltda. Rua do Rocio, 220 – 9º andar – Tel. (011) 820-9833 – Fax: (011) 829-7202 – Vila Olímpia – São Paulo – CEP 04552-000 – E-mail: revbravo@uol.com.br – Home Page: www.revbravo.com.br – Redação Rio de Janeiro: Av. Presidente Wilson, 164 – cj.1209 – CEP 20030-020. – Jornalista responsável: Wagner Carelli – MTB 10.809. Os textos assinados são de responsabilidade dos autores e não refletem, necessariamente, opinião da revista. É proibida a reprodução total ou parcial de textos, fotos e ilustrações, por qualquer meio, sem autorização. **Impresso na Antartica Quebecor S.A. – Fotolitos: Relevo Araujo, Village e Vox – Distribuição exclusiva no Brasil e em Portugal (Bancas): Fernando C.**
Entrega em Domicílio: Via Rápida Tiragem desta edição: 50.000 exemplares. Comprovada pela Price Waterhouse

associada à **ANER**

O traidor da

Manoel de Barros, o poeta lido como um cultor da natureza, rejeita o rótulo de ecológico, expõe as matrizes cultas de sua poesia original e nada espontânea e cede a **BRAVO!**, com exclusividade, um poema de seu novo livro, ainda inédito. **Por Rodrigo Brasil e Reinaldo Azevedo**

O poeta Manoel de Barros não se contenta com a fórmula algo manjada de ser "um fingidor (...) que chega a fingir que é dor", etc. ... Aos 81 anos, ainda escrevendo os poemas que vão compor seu 15º livro — *Para Encontrar o Azul Eu Uso Pássaros* —, esse apaixonado por Freud é um enganador, que usa a natureza para despistar o leitor de uma poesia culta, informada, construída com tal rigor que chega a parecer que é inspirada. "Não acredito em inspiração, anoto tudo em um caderninho", diz. Quatro ou cinco anos depois, ele afirma, volta às anotações "para catar os poemas" que estão lá escondidos.

A maior injustiça que se pode cometer, portanto (e ela tem sido reiterada), com a obra do poeta acidentalmente pantaneiro é considerá-lo um cultor espontaneísta da natureza ou da ecologia, esse — com algumas exceções — neobobismo contemporâneo que exhibe de boas intenções o que não pode expor de pensamento: "Minha obra tem um

lastro da terra, mas não gosto de ser chamado de poeta ecológico — não dou muita importância a isso. Poeta é o sujeito que mexe com palavras. Tenho minha linguagem própria, que descobri, que não tem nada de ecológico".

Como toda grande poesia, a de Barros trata do destino do homem, do medo da morte, da sombra da infância se projetando sobre o adulto, da busca da felicidade e conseqüente contencioso de frustrações e da face oculta de um Deus (creia-se ou não nele) que nos persegue vida afora. Ele traduz essas preocupações em lagoas de significação plenas de imagens pantaneiras porque é essa, afinal, a sua vivência, a sua verdade. Usa essas imagens, como diz, para "esconder-se", mas acaba revelando, como queriam Freud e Machado de Assis (um dos preferidos do poeta), que "o menino é o pai do homem".

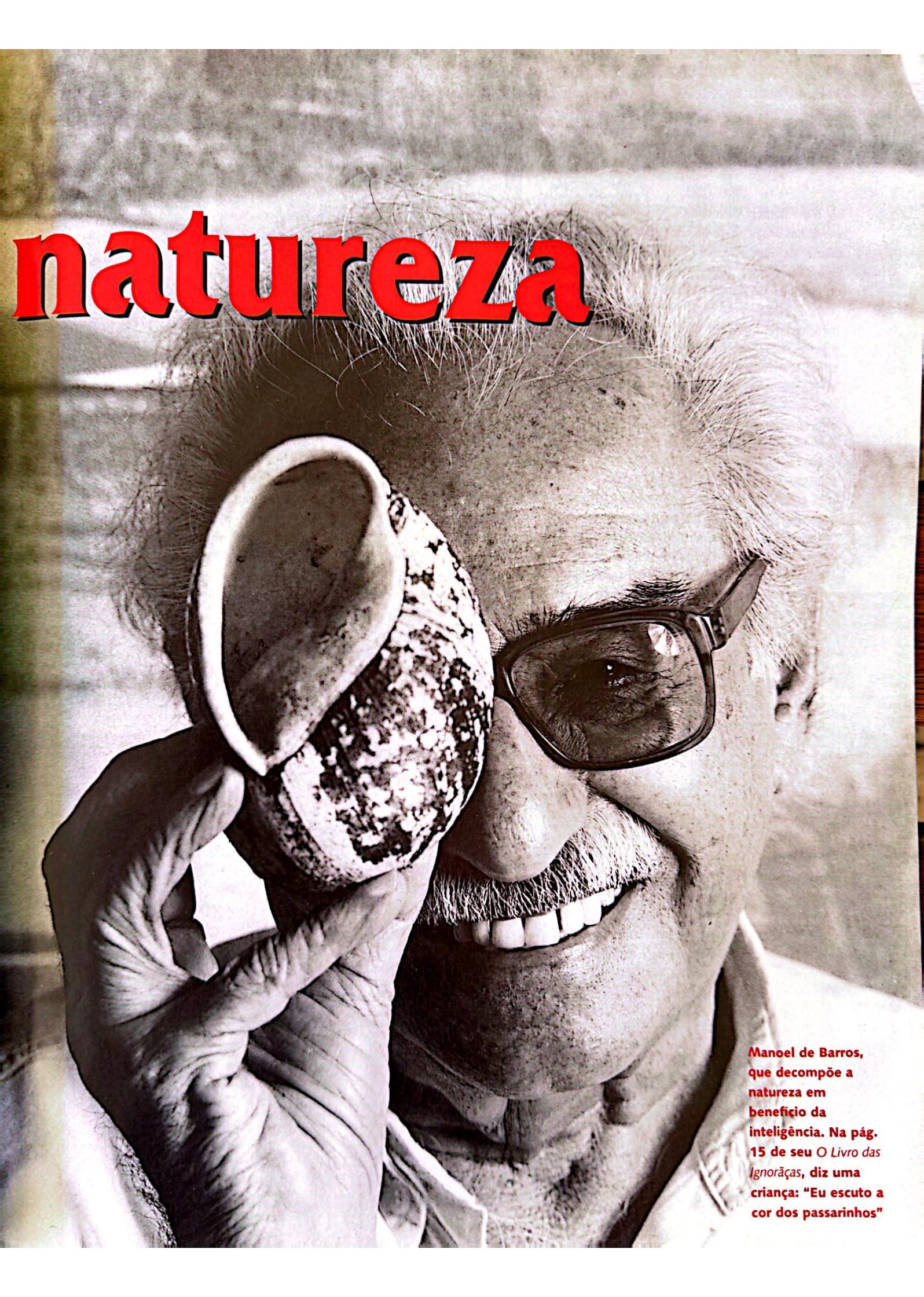
Mas é só. No mais, Manoel de Barros, descoberto para um público mais amplo por Millôr Fernandes na década de

FOTOS DO PANTANAL DE ROBERTO LINSKER

RETRATOS DE MARCELO BUAINAIN



natureza



Manoel de Barros, que decompõe a natureza em benefício da inteligência. Na pág. 15 de seu *O Livro das Ignorâncias*, diz uma criança: "Eu escuto a cor dos passarinhos"

80, é um homem cosmopolita, que bebe confessadamente nas águas turvas de onde saíram os textos cristalininos de Rimbaud, Baudelaire, Mallarmé e Ezra Pound, entre outros. Desse universo e das memórias de um "menino antigo" vai tecendo os seus cantos, como o poema – *Fragmento 14* – que comporá o novo livro, cedido a **BRAVO!** com exclusividade (*leia nas páginas adiante*). Tomando "um uisquezinho" para tentar se livrar da depressão que lhe traz o crepúsculo, Manoel de Barros recebeu a reportagem em sua casa, em Campo Grande, para a entrevista que segue, toda ela anotada a caneta. O poeta não permitiu que a conversa fosse gravada porque não fala "com ferros".

BRAVO!: A natureza, em sua poesia, é só pretexto para o sr. estabelecer relações de pensamento, ilações filosóficas. O sr. é um falso poeta da natureza?

Manoel de Barros: Minha obra tem um lastro da terra, mas não gosto de ser chamado de poeta ecológico – não dou muita importância a isso. Poeta é o sujeito que mexe com palavras. Tenho minha linguagem própria, que descobri, que não tem nada de ecológico. Fui criado no Pantanal, onde vivi até os 8 anos. Se as palavras que me chegam mais comumente são do brejo, é devido ao meu lastro existencial, que reflete um pouco a terra. Nossa vivência, principalmente nossa infância, é o que a gente carrega para o resto da vida. Tenho um lastro de coisas ínfimas, mas sou principalmente criado pelas palavras. Elas inventam a gente mais do que a gente a elas. Elas me ocorrem. Costumo dizer que só tenho 81 anos e muita infância para trás. O livro está dentro da gente. Tenho a convicção de que a poesia começa no desconhecer, no subconsciente, e não a partir da sabedoria.

O sr., com uma apreensão cínica da natureza, e Adélia Prado, com uma apreensão cínica do catolicismo, se igualam no alheamento em relação aos temas ditos modernos. O sr. vê essa proximidade entre ambos?

Sim. O que faço é metalinguagem. Tenho a pretensão de que meu personagem principal seja a palavra. O poeta precisa descobrir a linguagem para não imitar os outros. Em poesia, a razão não está com nada, a insensatez funciona melhor. Por trás da criação, não está a teoria, mas minha vivência.

Em entrevista à revista República, o crítico Wilson Martins cita a sua poesia como exemplo de superfaturamento crítico. Ele afirma que o sr. não faz poesia, mas expõe tiradas filosóficas. Ao escrever, o sr. projeta sua intenção apenas no que diz ou também na forma como diz?

Expresso-me especialmente pela forma de dizer. As-



O cenário pantaneiro (acima) é apenas o lastro de memória de um poeta culto, que rejeita a alcunha de "ecológico". É ele quem diz: "Meu trabalho não é ideológico, agrega o valor das coisas pequenas. Já fui do Partido Comunista. Atualmente, sou mais um humanista. Minha poesia quer exaltar as coisas pequenas. Desde Gogol, em O Capote, iniciou-se a tradição de cantar os homens sem heroísmo, exaltar o pobre diabo e o ser despoderoso. Essa tendência ganha força no marxismo e no socialismo. Minha poesia está em sintonia com essa ascensão do rebotalho"

Obra Completa

Poemas Concebidos sem Pecado – 1937
Face Imóvel – 1942
Poesias – 1956
Compêndio para Uso dos Pássaros – 1960
Gramática Expositiva do Chão – 1966
Matéria de Poesia – 1970
Arranjos para Assobio – 1980
Livro de Pré-Coisas – 1985
O Guardador de Águas – 1989
Gramática Expositiva do Chão (Poesia Quase Toda) – 1990
Concerto a Céu Aberto para Solos de Ave – 1991
O Livro das Ignoranças – 1993
Livro sobre Nada – 1996

sunto é coisa banal. Roland Barthes dizia que o que se sabe hoje do homem, Cristo já sabia e dizia melhor do que nós: suas palavras carregavam a eternidade. Não tenho nenhuma inten-

ção de ser um filósofo. Tenho muito gosto é pela maneira de dizer. Meu gozar é no fazer verso. Sou um homem de idade, tenho uma sabedoria que a idade me deu. Posso julgar de uma maneira pessoal, e não pela leitura. O homem vai ficando velho e sábio. Adivinhar vem do verbo latino *divinare*, que guarda semelhança com o divino. **O sr. sempre diz que seu primeiro livro é o melhor. Por que continuar então?**

A evolução de meu trabalho em relação ao primeiro livro é lingüística. Também me tornei mais fragmentado, o que é consequência do mundo moderno, sem ideologias. Com o tempo, a gente perde a unidade divina.

O sr. disse que sua poesia é 10% mentira e 90% invenção. Além de ser uma frase de efeito de um poeta, o que isso quer dizer realmente?

Quando você chegou a minha casa, eu poderia ter dito que estava retornando de um bar. Seria mentira. Já a invenção tem a ver com nosso interior, com nossas frustrações. A imaginação busca essas coisas para poder reluzir. Não sou um sujeito doente, um esquizofrênico, porque ponho meus conflitos para fora por meio da escrita. Minha poesia não é cerebral. Não sou um concretista. O concretismo já está no fim. Nem é minha vontade minha. Eles são chatos mesmo. Acuso-me por não poder gostar daquele troço.

O poeta latino Horácio dizia que é preciso limar o poema até que ele chegue ao ponto, mas advertia de que não se deve lapidar demais para que não fique falso. O sr. segue essas recomendações?

Eu mudo bastante, lapido os poemas. Não acredito em inspiração. Primeiro, anoto tudo em meu pequeno caderninho, juntando minhas experiências existenciais e lingüísticas. Quando termina essa fase, que dura dois, três, quatro anos, vou aos cadernos para catar os poemas e dar-lhes a forma definitiva. Escrevo a mão e a lápis. Jamais rabisco; uso borracha e um pano. Escrevo as coisas, junto durante algum tempo e depois cato os trechos e monto o poema. Para um novo livro, por exemplo, criei o poema *Jogo de Armas* em 12 partes. O trabalho do poeta é esse.

O sr. é lido como um Guimarães Rosa da poesia. Ocorre que sua poesia parece intencionalmente mais culta do que a apreensão que fazia do homem sertanejo. Embora hou-

na obra dele muita elaboração, havia uma tentativa de esconder essa apreensão...

Tenho muita parecença com o Rosa. Nós temos uma relação saudável com a linguagem erudita. Porém ele mostra mais o caipirismo, e eu mostro mais o meu lado de leitor. Mas ele era muito mais culto do que eu. Tive uma convivência pequena com ele. Ele também tinha um caderninho onde anotava as coisas que via, era muito descritivo. **Com a poesia de quem dialogam os poemas de Manoel de Barros?**

Sou leitor de Guimarães Rosa. Gosto de João Cabral de Melo Neto, Augusto dos Anjos, Manuel Bandeira, Fernando Pessoa e Camões. Leio muito o Padre Vieira. Foi ele que me desvirginou para a linguagem, foi meu iniciador. Dos estrangeiros, Rimbaud, Baudelaire, Mallarmé, Pascal, Montesquieu, Rabelais e Proust estão entre os autores de que mais gosto. Sou muito apegado à literatura de língua francesa. Morei um ano nos Estados Unidos, onde tomei gosto pela literatura de língua inglesa, especialmente T. S. Eliot, Ezra Pound e Stephen Spender.

Abaixo, a mesa de "prosear" num boteco perdido no tempo sem tempo do Pantanal, onde Manoel de Barros, às vezes, escuta a conversa dos peões e se reconhece: "Saí de Campo Grande com nove anos e fui para o Rio de Janeiro. Só voltei depois de 14 anos, já bacharel em direito. Saí do internato aos 16 e fiquei em uma pensão no Rio. Aprendi francês e latim no colégio São José, no Rio, ainda no curso ginásial"

O sr. é parte de uma tradição literária brasileira? Não, eu criei um estilo próprio. Já me chamaram de poeta da geração de 45, mas não aceito isso. Eles queriam tornar a linguagem uma coisa imaculada. Sou um esturador da gramática.

O que faz um homem culto viver recluso em Campo Grande? É timidez? O sr. teme se expor?

Eu não me sinto isolado. Tenho apartamento no Rio, leio jornal, assisto aos noticiários e debates da TV, leio os jornais do Rio e São Paulo, estou antenado. Assisto até a novelas. Em Campo Grande, a gente tem de tudo. Só não tem livro que preste, mas pode-se encomendá-lo rapidamente. Uma vez abri uma livraria junto com minha filha e minha mulher. Os amigos aconselharam-me a vender best sellers, mas encomendei apenas Machado, Joyce, Vieira, Euclides da Cunha, coisas que enriquecem a sensibilidade. A obra completa de Proust, por exemplo, passou-se um ano sem ninguém comprar. Encomendei a obra de Joyce, ninguém comprou. Vendia dicionários, algum José de Alencar, Machado, mas era só. Desisti.



O sr. se vê longe dos acontecimentos culturais?

Considero um privilégio ter em Campo Grande uma disponibilidade para a leitura que o ritmo de outras cidades talvez não oferecesse. Mas não tenho buscado nada novo, estou sempre relendo minhas principais influências. Aqui não tem teatro, o que faz bastante falta. Já os cinemas geralmente exibem somente filmes de banguê-bangue. Vi todos os filmes iranianos. Também gosto muito do cinema italiano, Fellini, Antonioni, Vittorio de Sica (especialmente *Ladrões de Bicicleta*), e também do francês. Gostei muito daquela produção da Croácia, *Antes da Chuva*. Charles Chaplin para mim é o gênio do século. Jim Jarmush é outro grande diretor, mas parece que Hollywood prefere deixar os independentes de lado.

Apesar de se manter distante de polêmicas, sua poesia é saliente ao exibir uma maneira de ver o mundo. O sr. se sente um provocador?

Não, de modo algum. Sou um inocente nesse negócio. Não tenho a intenção de ofender nem provocar. Minha poesia é muito intuitiva. Quisera que fosse mais primitiva! Eu li livros de mitologia indígena e vivi muitos anos com índios chiquititos, da Bolívia. Gostava de tomar *chicha* — uma aguardente de milho — e pescar. Eu tinha fascinação pelas línguas primitivas indígenas. Eles, primeiro que a gente, fizeram árvore virar tatu, criança nascer de árvore. O poeta é um inocente que é ligado a essas coisas primitivas, apesar dos estudos.

O poeta Mário Faustino chegou a criticar Carlos Drummond de Andrade por este não participar dos debates estéticos de sua época. O sr. também evita discussões. Esses debates são inúteis?

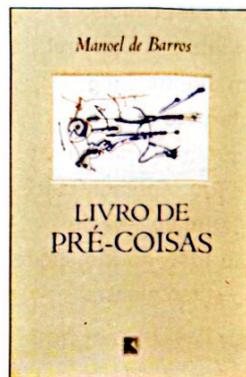
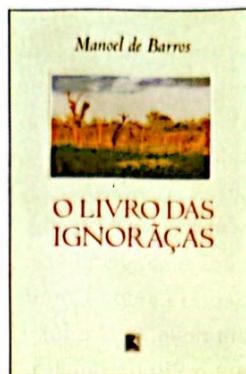
Para a poesia, sim. Um professor de poesia não está com nada, pois ela não pode ser ensinada. Quando combino o sentido com o ritmo das palavras para produzir uma ressonância verbal, essa habilidade é produto de um dom, é uma coisa que se recebe. O estudo pode aprimorar.

Seus poemas parecem recorrer sempre a uma certa obsolescência do mundo que o cerca. São metáforas das inutilidades humanas?

Faço poesia sem importância. Tenho esse jeito de cabeça baixa. Acho que nasci com o olhar para baixo. Tenho uma revolta contra a injustiça social. São os pobres seres que me fascinam. Sou uma pessoa que se liga muito ao pobre ser humano — inclusive metaforicamente — como a pobreza de um milionário com dor de corno. Fascina-me explorar coisas e seres desimportantes.

O sr. acredita num mundo transcendente?

Sou absolutamente crente em Deus. Acredito no transcendente. Acho que nós temos de ser religados à natureza. Religião vem do verbo latino *religare*. Sou católico a meu modo.



Acima, alguns dos livros de Manoel de Barros, que compôs uma obra que ele quer única. Livre para escrever, defende o seu ócio com dignidade: "Acordo às 5h, faço minha higiene, tomo um guaraná, em seguida tomo café e, das 7h às 12h, fico lendo, pesquisando o dicionário, matando mosca. O ócio é muito importante. Quando cuidava da fazenda, não criava nada"

Almoçando com Manoel

Em casa, o escritor usa palavras retas, e não a fala torta da poesia.

Por José Castello

Na primeira vez em que falei com o poeta Manoel de Barros, as palavras lhe pesavam, sua voz era um fio e eu imaginei um homem triste, de calças arregaçadas, pés atolados de terra, preso a um fio de telefone que arrastava, como um animal perigoso, até o quintal. Ele terminara de ler o *Livro de Pré-Coisas*, que o poeta lançou em 1985, e minha imaginação estava encharcada pelas imagens dessa leitura. Era com elas, com essas imagens errantes que se formam em nosso espírito quando lemos um poeta, que eu construía meu retrato pessoal de Manoel. A voz agora o confirmava.

No *Livro de Pré-Coisas* está escrito: "No pantanal ninguém pode passar régua. (...) A régua é existidura de limite. E o pantanal não tem limites". O pantanal, claro, é Manoel — os limites borrados transformam homem e paisagem em uma só entidade. É Manoel que não tem limites, é seu retrato, em consequência, que não pode ter margens. Tudo parecia em seu lugar.

No mesmo livro, Manoel de Barros traça o retrato de Bernardo, um homem que há muito se recusa a falar. Em sua cabeça, os pássaros e as galinhas se aninham; filhotes de porcos, cachorros, bezerros saltam para seu colo. Manoel descreve: "Era um ente irresolvido entre veiga e gôntea e lagarto. Tordos que externam desterro sentavam nele. Sua voz era curva pela forma escura da boca".

Apressado, tomei Bernardo por Manoel. Dissolvida uma na outra, as duas imagens (uma arrancada do texto, outro de minha imaginação) se fundiram. Elas vinham, agora, sintetizadas naquela voz, leve, que me respondia com delicadeza.

Em telefonemas seguidos, negocieei com o poeta uma entrevista, que ele sempre tratava de adiar. "Não tenho nada para dizer", justificava. "Você vai se decepcionar." Por fim, aceitou responder por escrito a algumas perguntas. Apresssei-me em redigi-las. Eu as despachei pelo correio em janeiro de 1996. Em fevereiro, de férias e me esqueci de Manoel. Ao retornar, quinze dias depois, deparei com o questionário a um lado de meu escritório. Pensei: "São perguntas que ficaram para sempre aguardando uma resposta".

Estava errado. Dias depois, pelo correio, chego

algumas folhas amassadas, em que Manoel respondia pacientemente minhas perguntas. Eram respostas contidas, mas sinceras, que reafirmavam a imagem de um homem tímido, para quem as palavras têm um perigoso poder de erosão. Elas me renderam, ainda assim, uma entrevista, publicadas depois em *O Estado de S. Paulo*.

Manoel me disse: "Gosto de inventar. Quem descreve não é dono do assunto: quem inventa é". Filosofou: "Exploro os mistérios irracionais dentro de uma toca que chamo *lugar de ser inútil*". E disse mais: "Tenho medo que a ciência acabe com os cavalos, com a luz natural, com as fontes do ser".

A primeira declaração me dava a liberdade de inventar, para meu uso, o Manoel de Barros que eu bem entendesse. "Você vai se decepcionar", ele me advertira, dando a entender que era mais prudente continuar apenas com as palavras. A segunda declaração me apontava a fonte da poesia de Manoel: o mundo das inutilidades. A terceira reforçava em mim a figura de um Manoel de Barros magrela, de pés na lama, fumando seu cigarro de palha entre galinhas e passarinhos, escrevendo ao anoitecer, de cócoras, diante do sol que coalha no horizonte.

O tempo passa. Por fim, ele aceita me receber pessoalmente. Agora, em um voo da rota São Paulo–Campo Grande, medito sobre o homem que me espera. Distraio-me do medo lendo a *Gramática Expositiva do Chão*, livro que reúne toda a obra de Manoel desde os *Poemas Concebidos sem Pecado*, de 1937, até *O Guardador de Águas*.

A aterrissagem em Campo Grande, depois de longa espera pelo que o piloto denominou "uma brecha", é dramática – o aparelho, ciscando o asfalto, me lembra uma galinha tonta. Nessa chegada tumultuosa, todos os meus temores parecem se confirmar: piso, finalmente, um território primitivo, de natureza revolta e homens calados.

Ele me achará ridículo com minhas teses de geladeira e minhas anotações. Tentarei me agachar no quintal ao seu lado; cairei de quatro na lama. Tentarei acompanhá-lo em seu silêncio meditativo; cairei no grotesco. Tentarei agradá-lo com insinuações a respeito de meu amor pela vida natural; ele entenderá que trapaceio e me odiará. E se fechará em seu silêncio de pedra.

Do hotel, telefono para avisar que já estou em Mato Grosso. Marcamos nosso encontro para as dez horas

Barros teme que a ciência "acabe com os cavalos", mas sabe que a superação do espontaneísmo responde pelo melhor de sua literatura: "Comecei a escrever aos treze anos. Aos 19, já tinha preocupação lingüística. Padre Vieira me trouxe o entusiasmo pela linguagem, pela sintaxe"

da manhã seguinte. No café da manhã, limito-me a algumas fatias de mamão, um suco de maracujá, umas laranjas. Quero ter o espírito leve para me defrontar com o poeta. Para ser digno dele.

Quando o táxi me deixa em frente de sua casa, na rua Piratininga, sou tomado pelo primeiro espanto. O muro é alto, impecável em seu cimento lustroso, e há uma porta bem trancada, impessoal, com um moderno interfone. Eu, que esperava uma varanda ladrilhada dando para a rua, uns cachorros latindo, o piado de pássaros em gaiolas de bambu. Chego a abrir a agenda para confirmar o número da casa. Está correto.

Ainda desconfiado, toco a campainha. Manoel, ele mesmo, vem me atender. É baixo, sim, mas gorducho,

com o ar bonachão, e uma certa satisfação contida, uma nobreza que me desarma. Mora numa casa moderna, em que, espremida em espaços estreitos e bem planejados, a natureza é substituída pelo paisagismo. O pantanal está muito distante.

Entro, e tudo desmente o que eu tinha imaginado. Quando começamos a conversar, ouço suas palavras retas, sem ambigüidades, e não a fala torta da poesia. Manoel, aos 80 anos, é um *gentleman* que toma uísque importado e veste roupas vincadas. Eu o imaginei magro e triste, mas ele é gorducho e enérgico. Eu imaginei um homem inseguro e inadaptado, e ele é um senhor firme, que se move com altivez. Eu imaginei um homem ingênuo, que passasse os dias entre cachorros e passa-

Remexo com um pedacinho de arame nas minhas memórias fósseis. / Tem por lá um menino a brincar no terreiro / entre conchas, osso de arara, sabugos, asas de caçarolas etc. / E tem um carrinho quebrado de borco / no meio do terreiro. / O menino cangava dois sapós e os botava a arrastar / o carrinho. / Faz de conta que ele carregava areia e / pedras no seu caminhão. / O menino também puxava, nos becos de sua aldeia, por um barbante sujo, umas latas tristes. / Era sempre um barbante sujo. / Eram sempre umas latas tristes. / O menino hoje é um homem douto que trata com / física quântica. / Mas tem nostalgia das latas. / Tem saudades de puxar por um barbante sujo / umas latas tristes. / Aos parentes que ficaram na aldeia esse homem / douto encomendou uma árvore torta... / Para caber nos seus passarinhos. / De tarde os passarinhos fazem árvore nele.

(Fragmento 14, do livro inédito Para Encontrar o Azul Eu Uso Pássaros)

rinhos, e agora devo aceitar que Manoel de Barros não é a figura que eu tirei de seus poemas. Poemas e poeta estão separados por um abismo.

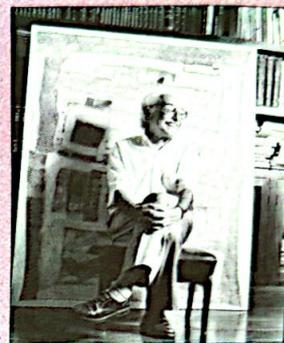
Ainda apreensivo, exponho meu rol de perguntas. Manoel começa falando de uma longa viagem, sem destino, que fez pela América Latina quando era jovem. O passado o protege. Só queria visitar lugares decadentes, sem futuro, paisagens destroçadas. "O que você fazia durante a viagem?", pergunto. "Não fazia nada", ele me diz – e ali, entre goles de chicha e noites agitadas em postos de gasolina, começou a ruminar o *Livro sobre Nada*.

A idéia do livro veio de uma frase de Flaubert: "O que eu gostaria de fazer é um livro sobre nada". Um livro sobre desutilidades. Há no livro de Manoel um perso-

nagem, Mano Preto, que "não tinha entidade pessoal, só coisal". Na trilha da Bolívia, empoeirado, sem destino, ele já buscava o coração das coisas.

As idéias puxam umas às outras e logo percebo que minha lista de perguntas não dá conta de Manoel. Ele se lembra do avô que lia com o livro de cabeça para baixo. Estava "deslendo". Também eu devo me esquecer da lógica para começar a entendê-lo. Devo deixar de ser jornalista.

O homem não cabe na profissão. Depois da viagem, Manoel voltou para a vida comum da cidade e se formou em direito. Tentou exercer a advocacia, mas não conseguiu. Na primeira vez, diante do





Fragmentos de um discurso sobre a natureza (acima e abaixo) compõem a poesia de Barros, em que o triunfo é da linguagem, não do assunto. Ele se explica: "Em alguns trechos dos Sermões, Padre Vieira chegou a preterir as crenças para escrever uma boa frase. Um poeta tem de saber que a linguagem é que tem a eternidade, não o assunto. Perguntaram a Julio Cortázar o que poesia



era para ele, e ele respondeu que a considerava um jogo de armar, como esse jogo de crianças, um quebra-cabeça. Do mesmo modo, ao criar, eu vou montando os versos, e, ao completar 14 ou 15, paro e vou para os outros"

juiz togado, quando se preparava para começar uma defesa, vomitou em cima do processo. Tempos depois, em um estúdio de rádio, convidado para ler uns versos de Aragon, o grande poeta desmaiou sobre o microfone. Não dá conta da palavra falada, nem da imagem fixa.

A palavra, para Manoel de Barros, não é para ser dita. É para ser escrita — pois só a escrita sustenta sua natureza líquida, inconstante. Suas entrevistas por escrito já se tornaram célebres. Espanto-me que agora ele fale e fale com tanta desenvoltura. Manoel de Barros, o fazendeiro do pantanal, fala de Manoel de Barros, o poeta. Só posso concluir que o poeta é mudo.

Tanto batalhou com as palavras que, ao passar a jogá-las no papel para compor seus poemas, descobriu: "Minhas palavras sofrem de mim". A lembrança desse verso faz Manoel de Barros se entusiasmar: "Poesia é coisa muito pessoal". Vem-me à mente a célebre frase de Felisldônio que abre *O Livro das Ignorâças*: "As coisas que não existem são mais bonitas".

Eu o imaginara como um homem plantado na terra, mas a terra para Manoel de Barros é só um trampolim, de onde salta para o que não existe. Ele diz: "Poesia é voar fora da asa". É entregar-se à queda e se espalhar nas coisas miúdas, nas inexistências que ninguém vê. Manoel quer desinventar objetos e colocar em seu lugar a palavra oca — só palavra, revirada como uma folha que se secou. A palavra falada comunica. A palavra escrita entorta.

Foi criado numa fazenda do pantanal. O pai era arameiro — viajava, levantava acampamento na paisagem vazia e depois se punha a fincar estacas e a fixar cercas de arame. A delimitar o nada. Menino, vivia ali, cigano, entre formigas, cachorros, mosquitos, a render seus dias às miudezas. Depois, o pai o mandou estudar com os maristas. Foi no colégio de padres que leu Camilo, Eça, Pessoa, como se estivesse em Coimbra. E descobriu que Vieira era um pregador da palavra.

O jovem Manoel foi para o Rio, morou em pensões no

Catete, fez militância comunista. Agora ele se ampara no passado e isso, eu percebo, o deixa mais à vontade. O passado o recorta em muitos pedaços, põe no lugar do velho de agora uma série de personagens virtuais — in-existent e, só por isso, poéticos. "Eu sou muitas pessoas destróçadas", ele escreveu.

Aos 13 anos — está dito em *O Livro das Ignorâças* — Manoel descobriu que não se interessava pela beleza das frases, mas pelas doenças delas. As falhas, os vacilamentos, as imprecisões, os sentidos dúbios. Comunicando a Padre Ezequiel, seu preceptor, esse gosto esquisito o padre disse: "Manoel, isso não é doença, pode morrer, mas que você carregue para o resto da vida um certo gosto por nadas". E completou com a frase-síntese: "Há o que se aprende apenas saber errar bem o seu idioma".

Manoel se cansa das palavras e me convida para um almoço. Uma salada, um frango com arroz, frutas sobremesa. Um longo silêncio. Stella, sua mulher, parece mais prática. Deve encontrar os documentos de um jazigo de família que vai ceder à família de um empregado que acaba de falecer. Manoel a olha, como se aquilo não existisse. Depois, deixa-me por uma hora e duas horas para assinar uns documentos em seu escritório, no centro de Campo Grande. Nesse intervalo percorro algumas livrarias da cidade em busca dos livros de Manoel de Barros. Em algumas delas, não faltavam os livros, como os livreiros não sabiam que Manoel existia. Saio enfurecido.

Manoel me conta, então, que gosta de dar longas caminhadas, às vezes em plena madrugada, para meditar. Leva uma vida comum. Seu luxo é sair duas ou três vezes por semana para tomar chope com um grupo de psicanalistas. Perplexo, descubro um Manoel lacanianista que se corresponde com o psicanalista carioca M. Magno. "A palavra é o nascedouro que acaba compondo a gente", Manoel diz. A frase poderia estar num seminário do dr. Lacan e ninguém se surpreenderia. Jacarés e mosquitos também levam ao inconsciente.

Depois, de volta à casa, ele se oferece como cicero levando-me para uma visita cômodo a cômodo, a posado de grande senhor. Manoel tem uma fazenda de 12 mil hectares, onde cria 5 mil cabeças de gado. Tem até um pequeno avião, afirma-se — mas ele não gosta de revelar. É um empresário do campo que, nas horas de lazer, se diverte com formigas e palavras tolas.

Sinto que Manoel está cansado e me despeço. No dia seguinte, ainda intrigado, volto para o borbulhar dos livros. Leio e releio, em busca do laço que une aquele homem equilibrado e austero que conheci aos poemas desombreados, moleques, que ele escreve. Passo a noite clara, atolado na lama das palavras. ■

A Personagem da Pré-Palavra

Bernardo da Mata saiu de um mundo de grunhidos para o universo todo linguagem de Manoel de Barros. Por Sheila Moura

Ele encolhe os rios, estica os horizontes e prende o silêncio com fivela. É o personagem mais caro à poesia de Manoel de Barros e o único decalcado de um ser de carne e osso. Bernardo da Mata apareceu pela primeira vez em 1985, em *Livro de Pré-Coisas*. A partir daí, passou a ser figura recorrente. Aparece, nem que seja em apenas um poema, em todos os livros publicados desde então. Mais do que um personagem, Bernardo é um alter ego do poeta, ou um heterônimo à moda de Fernando Pessoa.

Em sua existência poética, ele diz todas as coisas que, na vida real, não é ca-

Desejando estar mais perto da natureza e invejando a relação peculiar de Bernardo com os seres do Pantanal, Manoel de Barros se apossou dessa voz inexistente, "voz de sótão com baratas luminosas", e transformou-a em poesia.

Em sua existência real, Bernardo faz quase tudo o que seu homônimo poético realiza. Conversa com as rãs, é profundo entendedor de grilos e formigas e amigo íntimo de peixes e "jacaroas". Segundo integrantes da família Barros, o velho e amado empregado da fazenda costumava passar horas diante do rio em entretido diálogo com a água corrente e com os

Poeta e personagem se conhecem desde a juventude e têm a mesma idade. Aos 18 anos, Bernardo apareceu pedindo emprego na casa da família Barros, em Cuaiabá. À época, precisavam de alguém que cuidasse de uma tia com problemas mentais, que vivia num quarto com grades, era agressiva e não aceitava a presença de estranhos. No entanto, quando viu Bernardo, logo abriu um sorriso. Foi uma espécie de reconhecimento entre iguais.

Com a morte da tia, Bernardo foi para a fazenda da família, no Pantanal. Anos depois, fugiu da fazenda e passou por uma fase de aventuras. Trabalhou na estação de trem de Bauru e em plantações de café no Paraná. No bolso, levou um papel com endereço e telefone de Manoel, que então morava no Rio. De volta a Bauru, Bernardo foi preso por vadiagem, depois de gastar todo o dinheiro em cachaça. Procurado pelo delegado, Manoel pagou a fiança e soltou o amigo, que, então, foi levado de volta a Corumbá. Depois de trabalhar nas lanchas de pesca do rio Paraguai, Bernardão finalmente enjoou da vida de aventuras e voltou para a fazenda da família.

Sobre seu velho amigo, Manoel de Barros costuma dizer que nunca viu pureza igual. É como se ele encarnasse a loucura e a infância que o poeta quer alcançar por meio da linguagem poética. Hoje, Bernardo vive em Campo Grande, não muito longe da casa do poeta, num amplo asilo arborizado, mantido por uma instituição de caridade em que trabalha Stella. Saudável, empertigado e bem disposto, continua, sem palavras, a dar lições de poesia. Como diz Manoel, em *Livro Sobre Nada*: "Bernardo me ensinou: para infantilizar formigas é só pingar um pouquinho de água no coração delas. Achei fácil."



paz de dizer. Bernardo é um daqueles seres especiais, puros. Um "louco de água e estandarte", como diria Manoel. Quase nunca se comunicou por meio de palavras. Hoje, praticamente não fala. Emite uns grunhidos que apenas Stella, mulher de Manoel há 50 anos, entende.

Passarinhos pousavam em seu ombro e outros animais se deixavam pegar por ele, sem oferecer resistência. Foi essa relação com a natureza que Manoel de Barros invejou.

**Manoel e Bernardo:
gramática expositiva
e lições sem palavras**